



Gaiato



Visto pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANOVII—N.º 174
PREÇO 1\$00

BARREDO

UM dos nossos que trabalha no Porto e é Vicentino, tinha-me dito do seu grande empenho em me acompanhar na minha primeira jornada aos pobres; e eu disse-lhe que sim se o Patrão dele também dissesse. Primeiro está a obrigação. O patrão deu-lhe licença. Fomos os dois. Eram 5 da tarde de um outono doirado. As ruas da alta regurgitavam. Nós íamos silenciosos. O Licínio sobraçava um pacote de roupa que levava destino. À maneira que nos íamos aproximando da zona perigosa, aumentava no peito a curiosidade do rapaz; se estes que iam visitar seriam iguais aos que ele visita.

Aí vem a primeira guarda avançada desta vez composta do típico garoto da rua. Era um ror deles. Aproximava-se meigamente; eu levava um rapaz por companheiro... Quedei. Um deles toma a palavra e pede-me que traga comigo um dos presentes.

Aponta com o seu dedo. Ele dorme no portal da Sr.ª Miquinhas peixeira. Ele não tem ninguém. Ele é o que precisa mais.

Todos acodem por ele e falam da mesma sorte. Ele é de nós todos o que mais precisa. A estas horas já não havia na rua uma janela que não tivesse alguém a mirar. Outros paravam junto de nós. E' o povo. E' a alma a vibrar. O pequeno que dorme no portal da Sr.ª Miquinhas peixeira, tem uns olhos azuis cheios de vida e de graça; e quando eu lhe disse que ele, vindo, fugiria da nossa aldeia, responde imediatamente que não. Eu trago os ossos moídos das pedras aonde durmo!

Fomos seguindo rua abaixo enquanto o grupo dispersava. Das janelas curiosas iam desaparecendo as vistas e eis que, numa encruzilhada, demos com sete matulões a jogar cartas no chão. Nenhum fugiu. Todos vieram

quando eu os chamei. Comecei por pedir e apalpar a mão de cada um; sujas, sim, mas de seda. Eles compreenderam imediatamente aonde eu queria chegar e responderam: ninguém nos dá trabalho. E com esta mentira enganam-se e enganam-nos. Deixei-os ficar. Dois passos à frente saí-nos um pequenito muito despachado e quer saber o que é que eu lhe faço se ele se mete a caminho de Paço de Sousa: Você aceita-me se eu lá me apresentar? Gostei da palavra, amei a criança e continuei.

Vem agora a vez dos pobres. Estamos numas águas furtadas de inexcedível desalinho. Compreende-se. Conquanto ali more uma mulher, ela não pode fazer e não tem quem lhe faça nada. Desde o artelho ao joelho da perna direita, há uma chaga. Move-se com muita dificuldade. Conversamos. Licínio ia olhando em redor e disse-me ao ouvido que assim nunca tinha visto; ao que eu respondi que naquela tarde havia de ver muito mais. Eram horas. Dirigimo-nos para a escada por onde havíamos entrado. A nossa pobre, de onde está, procura levantar-se; eu quero ajudá-lo a descer que elas são velhas e perigosas.

Esqueceu-se de si. Esqueceu-se da sua enorme chaga. Esqueceu-se da sua constante dor. Agora era eu. Era eu e o Licínio. Nós eramos tudo e eu queria ser mais do que nós; eu quero ajudá-lo. Que linda palavra! Que formosura Cristã! Ajudar.

Os transeuntos param, pela novidade que lhes vai na rua. Das janelas espreita-se. Venha aqui meu Padre. Subimos até ao primeiro patamar. Escuridão! A mulher que nos chama pede uma luz. Ela mesmo foi buscar e vem com uma lamparina num copo de azeite. Curva-se, desce o correntão aos degraus para eu ver melhor aonde coloco os pés. Mais um andar. Enquanto subíamos ela ia informando que é mãe e filha e que são muito miseráveis e que o Sr. Abade já tinha estado e que elas iam morrer.

Cheguei ao sítio e encontrei tudo como disseram. Licínio estava ao pé de mim. Na porta anterior não tinhamos entrado por ter acabado de morrer quem íamos visitar; e quando tornarmos a esta casa da mãe e filha, sei que havemos de receber notícia para não subir... Ou ali não fosse a zona perigosa.

Outra vez a rua, aonde corre a palavra de um estranho visitante de pobres. Os convites não se fazem esperar e é impossível atendê-los todos, de tantos que são. Outro casebre. São os pobres que ajudam os pobres meu

MÁS NOTÍCIAS

Júlio mandou ontem ao Porto o Fernando Piolho, com recado de bater a praça. Ele é o pracista da Casa do Gaiato. Andou por lá todo o dia, tendo regressado no último combóio. O rapaz vinha triste. Vinha desconsolado. Fazia uma cara igual à que fazem os companheiros quando vão jogar a bola e perdem. Aquilo por lá está muito feio. Os outros andam todos à brocha e mais são tipografias de 30 anos. Eis de como o Piolho se descartou da sua ingrata missão. Andou por lá o dia inteiro em cata de trabalho e veio-se embora sem nada. Tenho de ir eu. Não queria de maneira nenhuma tirar ao Piolho o lugar que ele tem; não queria. Mas a necessidade obriga-me.

O NOSSO LIVRO

TEMOS aqui aviso de um Senhor que deseja ser o 2001 na inscrição dos pretendentes ao Livro. Ele pretende ser o 2001. Temos a dizer que sim, conquanto estejamos ainda um nadinha afastados; vamos na casa dos 1800. Recomenda-se àquele senhor e a todos os mais, um bocadinho de paciência. Que todos se alegrem com a solene retumbância do nosso livro, quando todos se alarmam com a chamada crise do livro, a pontos de quererem pedir para ela interferência do governo. Como se a missão do Terreiro do Paço fosse descalçar as botas dos mais! Nós cá não. Nós calçamos e descalçamos as nossas.

A Câmara Municipal de Ancião não esteve com meias medidas e manda um officio a pedir trinta deles para as Escolas Primárias daquela terra. Trinta livros; livrinhos dos Isto é a Casa do Gaiato que vão ser lidos e relidos nas Escolas Primárias. E mais Escolas Primárias de outras Câmaras? E as Secundárias de todo o País? E' uma leitura juvenil para as juventudes. São episódios familiares que não perdem nada da sua actualidade. E' o Perene. A presença deste livro nas Escolas e nas famílias e até nas montras dos livreiros, seria ótima ocasião de mostrar ao mundo que sabe ler, onde está e porque é a chamada crise do livro...

E a Companhia dos Diamantes de Angola, a pedir à gente 30 d'eles! Será por ser o livro escrito em português do interior do Bié? E o Lobito a pedir 50 d'eles! Eu não tenho remédio senão voar até aquelas terras; tenho de ter uma conversazinha com os Directores da T A P. Viva Portugal!

EU NO GEREZ

FALTADOS que eram três dias para o meu tempo de cura, telefonei ao Avelino que mandasse o Ernesto mai-lo Morris; e ele assim fez. O Ernesto, não é um da comunidade, mas faz parte integrante dela. Era um rapaz de vinte quando veio pedir trabalho. Quis carta de motorista e teve a vontade suficiente de aprender a ler, para a tirar. Hoje é um az do volante. Muito asseado. Muito direito. Muito silencioso; só fala quando é preciso. Tem acontecido irmos até Lisboa sem abrir boca.

Pois Ernesto chegou às caldas e daí a nada vem-me comunicar que se queria ir embora. Eu já sabia que ele não gosta nada da cidade nem dos seus costumes; quando andamos por lá em serviço, o rapaz mostra-se sempre impaciente por regressar. Às vezes, em Lisboa, despacho-me de tarde, já tarde, e proponho ficarmos para o dia seguinte, mas ele não. Mãos no volante e estrada em fora; vamos embora. E partimos. Ora eu já sabia, mas estranhei que ele tão

cedo quizesse regressar. Indaguei. Eram calças. Calças. Mulheres de calças. Ele declara que nunca tinha visto semelhante e que tinha vergonha de estar ali ao pé d'aquela gente e que se queria retirar. Sentei-me numa pedra que ali estava a jeito e procurei amainar. Que não. Que fechasse os olhos ao passar por elas. Que aquilo era uma faltinha. E com a história na mão expliquei-lhe que desde a criação do mundo a mulher fora sempre a da camisola amarela, quanto à falta de juízo.

O rapaz acomodou-se, fez-me a vontade e ficou. Para o livrar da vergonha, saímos de tarde para a serra e só regressávamos à noite. Como não tínhamos horas nem satisfações a dar, aonde e quando melhor me apetecia, deixava o carro e embrenhava-me. Ernesto, ficava no seu elemento; sósinho, calado. Eu procurava o meu; sentava-me nas alturas dos penedos, a conversar comigo. Oh horas... De uma vez, quis saber de um pastor, quem é que tinha posto e sobreposto aqueles penedos, em formas tão capricho-

CONTINUA NA 4.ª PÁGINA

(CONTINUA NA 4.ª PÁG.)

AQUI, LISBOA!

CRÓNICA DO LAR DO PORTO

O mundo, o nosso mundo, não tem por limites os muros da quinta.

Estende-se às praias, às igrejas, às Furnas, aos sanatórios e até às cadeias. Os pequenos gaiatos, que provam as nossas casas, são apenas um dos ramos duma grande árvore—a Caridade. Mas esta árvore tem raízes, tem tronco, ramos, espinhos e flores. Interessa-nos a árvore toda. Aqui vai aparecendo de tudo. Somente escondemos os espinhos para que nenhum dos leitores neles se fira. Hoje venho apresentar um caso que encontrei num sanatório e que vem confirmar o muito que aqui se tem dito sobre o despreendimento evangélico. E' assunto que não se esgota. Dia a dia, topamos no nosso caminho estes exemplos vivos, que só para nós são conforto, do mesmo modo o serão para o mundo interior.

Trata-se dum padre.

Na freguesia que lhe foi confiada, ninguém precisava do seu ministério. Não havia almas a curar porque era um cemitério. Cemitério d'almas. Mas havia pobres a minorar-lhes a fome e os corpos, e nessa altíssima missão esgotou quando tinha, esgotou

De PADRE ADRIANO

quando lhe deram, esgotou-se a si mesmo.

Depois veio a doença. Sem péculio, sem seguro de vida, sem amigos ricos, segundo os cálculos humanos, estava condenado a morrer de fome.

Assim seria se não houvesse um Deus no céu, um Deus que veio ao mundo e que também não tinha onde reclinar a cabeça, mas que garantiu a quem lhe seguisse os passos e procurasse o reino de Deus a sua justiça, lhe daria o resto por acréscimo.

Pois esse resto não faltou, nem podia faltar, a menos que o Evangelho fosse uma mentira.

Agora são os paroquianos —eles os ateus, o pior povo do Alentejo, como cuvi dizer a alguém—são esses que vêm ao encontro do seu bom Pastor.

No sanatório é tratado com todo o carinho porque já toda a gente sabe que é um padre pobre que deu tudo. A mensalidade a pagar é de 1.800\$ e são os paroquianos cotizados que liquidam pontualmente.

E dizem que os alentejanos são

maus... Maus somos nós. Que admira que muitos andem às escuras, se os que deviam ser a luz do mundo já não alumiam?

O mal atacou-lhe a garganta; mal se faz ouvir. Aproximei-me da cabeça a perguntar-lhe se precisava de alguma coisa. Com uma voz muito sumida repetiu pausadamente: não; não me falta nada.

Gostei de ouvir esta resposta —não me falta nada. Apesar disso deixei uma quantia avultada. Que ninguém me leve a mal. Não foi a um padre, foi aos pobres, por quem ele continua a repartir quanto lhe vem às mãos. E eu queria que nem sequer lhe viesse a faltar esta alegria de poder repartir.

Muito mais recebi eu. Com a certeza de que a Providência não abandona os seus filhos, pude contemplar com prazer estampado no rosto, a paz e a serenidade do justo que passou pela terra fazendo o bem.

E' assim que ele espera a grande hora da recompensa. Vinde benditos de meu Pai, possuir o Reino que vos está preparado, porque tive fome e destes-lhe de comer.



DO QUE NÓS NECESSITAMOS

NÃO é para dizer aqui dos objectos de toda a classe, que os habitantes do Porto e outros de fora, costumam deixar no Espelho da Moda, aos Clérigos 54; não é para dizer aqui. E desde já se declara para sossego de alguns, que tudo quanto se ali entrega vem ter às nossas casas. Roupas usadas é o que nós mais gostamos. Por vezes, nos bolsos e dentro de sapatos vêm notas de Banco! Temos de revistar. Mais de Lisboa um vale silencioso e misterioso de cinco contos. E um dito de Braga com menos um zero. (Recebi da Armada). Mais 200\$00 de um voto de minha mulher. Outro tanto de Coimbra do meu primeiro ordenado. Do Estoril um vale de 500\$00. Da Pensão Londrina outro tanto. E uma coisita de Lisboa; foi-se a ver a coisita e era uma nota de 1.000\$00. Nasceu-nos há dias um menino. Ora aqui é que bate o ponto; é por amor deste Menino que vem a tal coisita. Mais 56\$00 do Pessoal de Serviços de Transportes Colectivos do Porto. Mais cem ditos. Mais azeite de Vila Real. Mais 60\$00. Sim senhor recebi a oferta do Tio Elizio. Aqui recebe-se tudo. Não se perde nada no caminho. Ninguém duvida. Ninguém tenha medo; é Jesus que vai ao leme. Mais dez dólares da América do Norte. Eu ando cheio de medo; cheinho. Não dou nada por aquilo que todo o mundo procura —dólares. Agora do Pará, Belém, sim. São duas malas com arroz e com açúcar e com trinta pares de botas e com latas de fruta; coisinhas de comer e de vestir muito modestas, muito acessíveis e de rara utilidade. Uma pitada de açúcar que se dê a um pobre! Um punhado de arroz que se dê a um outro! Um par de sapatos a quem nunca os teve! E tudo isto carinho de alguns amigos, nomeadamente o Napoleão, o Américo, o Francisco; e

o Nicolau também; o obséquio de um passageiro daquele porto que se prontificou a tomar conta de tudo. Fui ao mapa ver aonde fica Belém. Se a escala não falha, há uns cem quilómetros de estradas em todo o Amazonas e Rio Branco e Pará e Mato Grosso e mais e mais e mais. De onde se vê quão valentes e animosos não são aqueles nossos amigos, que nem o conforto dum carro ligeiro podem ter!

E o Barredo! Chegou o Barredo à cidade de Niterói: não sabia que na minha terra natal há tantos Sofredores. Um outro tripeiro do Rio, fala da mesma sorte, e todos mandam dinheiro para os pobres do Barredo. Não se cuide que são fortunas, tão pouco as chamadas grandes fortunas dão atenção aos Barredos. Não se cuide. São migalhas de 500\$00. Tais as recebo, assim as reparto. Chegaram ao Brasil os gemidos do Barredo! Alguém, por

mal avisado, poderá cair no erro de supor que estas visitas aos pobres são recortes de frases lindas, mas não. Experimentam-se nelas grandes dificuldades. Tantas e tais que só de joelhos. Sim, só pelo poder da oração é que estas visitas são possíveis e comoventes. Tudo o mais é fantasia.

Mais o Sinfães que trouxe do Hospital de Santo António um envelope muito modesto. Foi-se a ver: três contos! Sim. Só pela oração é que as visitas aos barredos são comoventes. E mais nada. Mais nada, alto lá. Acabamos agora mesmo de receber 10 pequeninos pacotes de açúcar do Lobito; e também a notícia de que o Verificador da Alfândega de Leixões é um homem de critério. Não cobrou impostos do açúcar e do arroz e do calçado. Assim fez o Conselho de Ministros, com o que nos deram no Rio. Senhor Verificador, dê-me a sua mão.



A NOSSA TIPOGRAFIA

VAI já aqui um Senhor de Neopolis, Brasil, com três contos. É o guião. E' um nosso conterrâneo que não esquece a sua Pátria. E um para-fusito de 50\$00 de Ferreira do Zezere. E outro de Luanda a par. E vinte de Castelo Branco. E de Alvarães 80\$00. E Alhos Verdes na marca. E Alhandra com uma prestação, de 50\$00. E um do Ribatejo. E vinte do Porto. E um que não disse quem é nem de onde é. E um do Porto que se casou no dia 2 de Setembro e vai com 100\$00. E Lamego. E Luso. E um novo casal, da suadesobriga. E um de Torres Novas que manda 200\$, por intenção de todos os torrejanos que dormem. Que dormem e que comem e que digerem; eis a doçura de muita

gente. E 50\$00 de Lisboa do meu primeiro ordenado. E um na marca. E vinte de Lisboa, porque a doença me não deixa trabalhar há dois anos. Isto é que é dar! Isto é que é a precissão. E do Seixal 20\$00, antes que me façam falta. Mais heróis! E um do Porto. E outro de Algures. E Lisboa. E Penalva do Castelo. E Fundão. E Benguela. E Lisboa. E Porto. E Matozinhos. E Lourical. Também vai a senhora do Tino com 200\$00; contribuição de Agosto e Setembro. E uma Noiva do Porto, que entregou 100\$00 a um vendedor. Pois que breve seja esposa, são os meus desejos. E o Abel também trouxe 50\$00 do Porto, que lhe deram para a tipografia. E Júlio e Maria na marca, que vivem em

por
CARLOS R. GONÇALVES

Foi na quinzena passada a desejada inauguração da nossa biblioteca. Esteve presente o nosso Pai Américo e alguns companheiros de Paço de Sousa. Compraram-se bolos e vinho do Porto. Tudo decorreu num ambiente de alegria.

Ao terminar a inauguração o Pai Américo falou-nos nas diversas espécies de leituras que existem; salientando a leitura construtiva, esta mais apropriada para a nossa idade e especialmente para a nossa moral.

Nada falta dentro da nossa biblioteca. Quem entra vê logo em frente o crucifixo, mais ao lado a nossa tão querida Bandeira Portuguesa; pela parede vêm-se quadros que a firma Lapidadora teve a amabilidade de moldar sem nada pagarmos, e por fim as estantes cheias de livros.

Depois desta inauguração que para muitos era desejada, surge-nos a ocasião de perguntarmos: a quem devemos esta oportunidade de conseguirmos esta biblioteca?

A resposta não pode ser mais sincera e oportuna; porque só a vós queridos leitores e vós livrarias que corresponderam ao nosso apelo a devemos.

Todos os rapazes do Lar do Porto vos agradecem e nos prometem que aproveitarão o melhor possível todas as leituras que sejam úteis à nossa vida e condição, para assim olharmos com mais firmeza o horizonte que nos vai despontando.

Obrigado a todos.

ATENÇÃO. Muita atenção. PHILCO, é a melhor marca do mundo. Acabamos mesmo agora de receber para a nossa biblioteca um PHILCO Mayor. Foi oferecido pela firma Arnaldo Trindade & C.ª L.da. Este é o segundo que esta firma oferece para a nossa casa.

Perfiram só a marca PHILCO, porque só esta é que marca.

COMEÇAMOS os treinos do nosso grupo de futebol. Como no ano anterior a direcção do Académico F. C. teve a amabilidade de nos ceder o campo do Luso sempre que esteja disponível.

Já temos vinte sócios e esperamos mais. Para agora precisamos de um equipamento, e uma bola.

Há tantas casas no país que vendem estes artigos!... Qual será a primeira? Esperamos a vossa resposta.

ARTIGOS oferecidos. Do Quartel de Metrelhadoras, cinquenta quilos de feijão branco colonial. Da casa Ribeiro & Aleixo sortido de algodões, botões e outros artigos. Da Aliance Hssunnance Compreny L.da grande quantidade de farinhas e massas e por fim da padaria Regional cem pães.

Muito obrigado a todos.

Lisboa mas são tripeiros; levam pela mão uma filhinha de 6 meses.

Faltam 136.000\$00

Noticias da Conferência DO EX-PUPILO DA NOSSA ALDEIA

Conferência de S. Vicente de Paulo

Por JÚLIO MENDES

O que precisamos...

ESTREPTOMICINA

Como adiante podereis verificar as finanças por cá atravessam um mau período. Não serviríamos para financeiros; estabeleceríamos a bancarrota em meia duzia de dias, porque não adoptamos política de reserva... Infligiríamos até os princípios que nos orientam! É a primeira crise, como soi dizer-se. Pelos vistos, desapoderar-nos-à confiança? Não; é uma necessidade imprescindível na vida duma Sociedade Vicentina. Reflictam: é ou não uma dor de consciencia dinheiro em cofre e pobres a sofrer privações e doenças? Claro, a resposta vossa, seria a nossa. Então pelo dito, está quase esgotado o numerário. Veremos os dias futuros...

Ora eu tinha em mente tratar dum doente que necessita de estreptomycinina, mas a pena resvalou e mudou de rumo... Então aí vai: todos sabemos que estreptomycinina é ainda bastante inacessível para as classes pobres. Todos sabemos que não têm, por isso são socorridos por nós vicentinos. Todos sabemos que, às vezes, o pouco que possuem, principalmente quando são apanhados de surpresa por uma doença difícil e prolongada, se vêm na contingencia de o encaminhar para o prego... O prego é solícito; o pior são depois as dores de cabeça...

Entretanto, na altura em que principiamos a socorrer o tuberculoso tínhamos, e tendo, era nosso dever salvar uma vida preciosa, uma vida perdida. E para isso compramos dezenas de gramas da droga! Mas o seu preço?! Uma calamidade... Desta forma o dinheiro se vai escoando; estamos à beirinha de desaguar. Quem nos vale? Confiamos, mais nada. Fazamos de conta que sacamos uma letra a quinze dias de vista, e até lá, descontá-la-emos. Evidentemente, confiando na sua satisfação... Que Deus nos oiça.

...e o que recebemos

MÃOS VAZIAS

É verdade, mãos vazias! Senão totalmente quase a chegar. É certo que nem sempre podereis contar com a vossa palavra. Estaremos, possivelmente, daqui a breve, empenhados? Talvez, se não nos acudirem... Empenhados, não é bem o termo, mas vá lá, saíu.

Durante quinze dias ouve silencio; ninguém se explicou! Não saberiam como as coisas se modificaram tão repentinamente; no entanto, aqui vai a lembrança. A conta da farmácia é um ror... As esmolas semanais vão por aí fora... As extraordinárias nem é bom falar...

Não temos orçamentos. Não temos previsões. Não temos nada disso. As nossas contas baseiam-se na vossa solícita generosidade. Sendo assim, daí sem arrependimento de qualquer espécie; e que Deus faça bem a quem bem faz.

ATÉ QUE ENFIM...

Após a saída do último número do Famoso, soubemos que alguém, secretamente, está encaminhando o internamento do nosso socorrido doído. É um grupo de pessoas de bem da freguesia. Até que enfim, alguém se resolveu a sério! Outros tentariam, mas debalde o fizeram, concerteza. Agora, parece que a coisa vai por diante, secretamente. Gosto disso.

Não queremos, no entanto, deixar de comentar, o que na nossa crónica anterior frizamos: trinta e tal anos tem o infeliz, e só passado uma vida quase inteira, se conseguirá interná-lo num estabelecimento adequado!... Seguidamente a tudo, de que já relatamos anteriormente, conseguimos arrancar mais dos seus feitos: inclusivé até na mãe batia, mas de duro! Ora veja-n! Bonito, não é verdade? Pobre família...

A título experimental, acaba de ser fundada mais uma Conferência de S. Vicente de Paulo. Dizemos experimental porquanto não está ainda oficializada e é muito selectivo o recrutamento de seus membros. Vamos progredindo lentamente, a deixar mesmo passar o tempo na sua velocidade, pois que nos interessa muito mais a qualidade à quantidade. Aliás, na sua tradição de dez anos, nunca o Lar do ex-Pupilo sentiu na sua alma a necessidade de se embelezar, aproximando-se de outras almas. Nesta direcção, é o primeiro passo em frente. Mas vamos avançar e acelerar os passos.

Somos homens. A vida já nos trouxe um apreciável somatório de matizes e é com esse complexo que procuraremos estimular o nosso próprio aperfeiçoamento e enriquecer a nossa vida com o esforço de suavizar outras vidas.

A Conferência de S. Vicente de Paulo do Lar do ex-Pupilo foi fundada em 5 de Setembro passado, como consta da acta N.º 1:

Aos 5 de Setembro do ano de mil e novecentos e cincoenta foi fundada no Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios do País, a Conferência de S. Vicente de Paulo.

Ficaram a pertencer a esta Conferência seis rapazes.

Dois dias depois foi feita a primeira reunião afim de se tomar conhecimento de tudo quanto diz respeito ao Manual das Conferências Vicentinas, cujo fim principal é o aperfeiçoamento moral dos confrades e, em seguida, proteger os mais necessitados. Nomeou-se um Conselho Administrativo, composto de um Presidente, um Secretário, um Tesoureiro. Os confrades que venham a ser admitidos no futuro são considerados aspirantes. Com a aprovação dos presentes, a Mesa da Conferência ficou assim constituída: Presidente—Francisco da Silva Rosa; Secretário—Alfredo Narciso Sousa Loureiro; Tesoureiro—José de Carvalho.

No dia 8 do mesmo mês foi feito um peditório entre os Rapazes do Lar, tendo-se apurado a quantia de vinte e seis escudos e noventa centavos. Esta importância deu entrada na Tesouraria, sendo lançada no respectivo livro de receitas e despesas.

Em seguida combinou-se o dia da primeira visita aos pobres, que ficou marcado para o dia dez, às onze horas e meia da manhã.

Percorreu-se o Bairro de Celas e imediações, tendo-se verificado que não era preciso auxiliar nenhum pobre, pois todos vivem normalmente. Visitou-se, em seguida, uma casita na Rua da Barbeira e que nos foi indicada por um aspirante. Vivem nela marido e mulher, com seis filhos. O homem é doente e encontra-se impossibilitado de trabalhar; a mulher faz uns serviços fora, que nem sempre são certos. Ficou resolvido que este casal seria um dos pobres a visitar. Seguidamente, visitou-se outro pobre, chefe de família e empregado num dos cinemas desta cidade. Tem mulher, que também trabalha, e quatro filhos. Depois de várias informações, verifi-

cou-se que este pobre não precisava de ser auxiliado, pelo menos por agora.

No mesmo dia dez, à tarde, foi feita uma reunião extraordinária, afim de se chamar a atenção de um aspirante pelo seu comportamento quando da visita feita de manhã.

Ficou marcado o dia de quinta-feira, às vinte e três horas, para as reuniões semanais.

E não havendo mais nada a tratar, rezaram-se as orações preconizadas no Manual e fechou-se a primeira reunião. A acta vai ser assinada pelo Conselho. Coimbra, 14 de Setembro de 1950. O Presidente, a) Francisco da Silva Rosa, o Secretário; a) Alfredo Narciso Sousa Loureiro; o Tesoureiro, a) José de Carvalho.

Com esta primeira acta, iniciou-se mais um capítulo na vida e na história do Lar do ex-Pupilo. As suas raízes estão lançadas e vão-se alimentando da experiência adquirida nas Conferências de S. Vicente de Paulo no C. A. D. C.

Os futuros confrades foram previamente instruídos e todos se mostram conscientes da responsabilidade na organização e regular funcionamento da Conferência.

Por iniciativa, mandaram imprimir o seguinte convite:

Ex.º Senhor: A Mesa da Conferência de S. Vicente de Paulo do Lar do ex-Pupilo, num veemente desejo de prestar aos pobres o indispensável auxílio, agradece a esmola de V. Ex.ª, contribuindo com algum dinheiro, peças de vestuário, calçado usado, brinquedos ou outros meios que mais fáceis sejam de adquirir.

Por tudo quanto V. Ex.ª possa fazer por esta Obra se confessa, desde já eternamente reconhecida, a Mesa da Conferência de S. Vicente de Paulo do Lar do ex-Pupilo.

Às pessoas de boa vontade, que possam dispor facilmente do seu superfluo e que sintam as angústias dos seus irmãos pobres, aqui fica o nosso apelo. O Lar do ex-Pupilo fica situado na Rua da Mãozinha, N.º 20-Santo António dos Olivais—Coimbra.

Na secção «do que nós necessitamos», registamos, com todo o gosto e comovidos, a dádiva de 200\$00 da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Bem hajam.

Passados quase dois meses sobre a data da sua fundação, podemos assegurar que a nossa Conferência Vicentina, imperiosa necessidade de aproximação das outras Conferências dentro da Obra da Rua, tem mostrado a sua vitalidade para além da experiência inicial e pode, portanto, oficializar-se. Neste momento, está a proceder-se a essa oficialização.

Assim nos esforçamos por patentear a nossa sobrevivência sobre o passado e a nossa permanência no futuro

ISTO É A CASA DO GAIATO

QUANDO da morte do nosso João de Deus, vieram ao meu escritório trazer os seus despojos: brinquedos, santinhos, um missal, mosquitos, e tudo quanto pode interessar a doença longa e penosa de um rapaz de 16 anos. Também retirei do arsenal um fio de prata que o morto usou em vida, com sua medalha suspensa. Este fio de prata e sua medalha, foi por mim dado à chave do sacrário da nossa capela. Até aqui nada de novo.

O *Faisca* entrou ontem de semana como ajudante de missa e hoje, no regresso do altar, estava ele ao pé de mim, como de costume, em quanto me desparamentava. Nisto sinto um toque do rapaz e a sua voz a dizer *olhe*. Olhe; era a chave do sacrário com o fio de prata e medalha. Ora isso já eu tinha visto muitas vezes e não fiz caso. Continuamos; eu a dobrar paramentos e *Faisca* o véu do cálix. O fio de prata estava ali. *Olhe bem* torna o *Faisca*. Eu olhava e via sempre a mesma coisa. *Sangue* diz ele; e toma o fio nas suas mãos põe-no perto dos meus olhos e continua afirmando *sangue na medalha*. Era verdade; havia laivos de sangue no relevo da medalha.

Liguei imediatamente as coisas e disse ao rapaz que era preciso lavar com álcool a medalha. Ele fecha a mão muito depressa, retira-a de ao pé dos meus olhos e exclama *não; não se lava*. Eu tinha dobrado os

paramentos e estava agora a colocá-lo dentro da gaveta do arcaz. Estranhei a desobediência e mais ainda a presença do *Faisca*, que não saía dali, com os olhos postos na pinta de sangue, como quem está em oração. *E' sangue dum mártir*. Ouvi claramente a frase do rapaz estremeci pela sua altura. Tudo estava ainda quente; a agonia, a morte, a sepultura, as saudades e aquela pinta de sangue. *E' sangue dum mártir!*

Respeitou-se. Não se lavou com água, nem álcool, nem com nada. Todos os dias, ao abrir o sacrário, vejo no relevo da medalha a pinta de sangue, aonde há-de permanecer até que o tempo a desfaça. E depois de desfeita ficará de pé, viva e a valer para sempre, a devoção e a piedade do *Faisca* pelo seu irmão de sorte, que ele viu sofrer cristãmente numa doença de dez meses: *Sangue dum mártir!*

Eu já pedi de uma vez à direcção de um colégio se me podia receber um rapaz interno e era este que estava no meu pensamento; mas disseram-me que não. Que não convinha. Compreendi.

Ele é dos *intocáveis*. Eu nutro ideias altas a respeito dos nossos rapazes inteligentes. São poucos, sim, mas temos alguns. Desejaria para estes, cursos complementares, mas sózinho não posso fazer nada; e se faço alguma coizinha é de gatas e com o chapéu na mão!

EU andava doente. E' a cabeça. São dores de cabeça. A estas dores, veio juntar-se uma de dentes e foi ela que me levou à cama. Falava-se na aldeia do meu estado. Eu gemia. Alguém bate à porta do meu quarto. Era o pequenino refeiteiro. Trazia na mão um tabuleiro e dentro um bule de chá, açucareiro, chícara, colher e uma caixa de pastilhas. O rapaz fecha a porta de mansinho e vai em bicos de pés colocar o tabuleiro sobre uma cómoda. Na mesma atitude volta ao pé de mim, e muito pertinho declara que me trás um *cházinho muito quentinho e também uma pastilhazinha por causa das dores*. Este rapaz tem uns doze anos. Anda na quarta classe. E' refeiteiro. Eu começo a tomar o chá. *E' de dreira*, diz ele.

Tome agora a pastilhazinha, continua; e dos seus carinhosos diminutivos, fazia remédio para a minha dor! Eram horas da merenda. Estavam ali perto os rapazes em bicha e todos podem supor que barulho não seria! O Fernando deixa-me ficar sózinho, vem ao corredor; abre uma janela que diz para a cozinha e avisa que não façam barulho porque fulano está doente. O fulano era eu. De novo regressa. Tinha tomado o *cházinho* e a *pastilhazinha*, e o *enfermeiro* remata, dizendo-me que eu havia de melhorar e que ele ia impedir barulhos. Fechou a porta mui devagarinho e retirou-se. Eu apertei os queixos na mão e coloquei a cabe-

ça no travesseiro a curtir dores. Eram seis horas da tarde. Vinha lá a noite. Bate-se à porta. Eram dois a perguntar se eu estava melhor. Disse que sim; ainda bem não e já estavam mais dois a fazer a mesma pergunta! Pelo que resolvi levantar-me da cama e passear nos corredores da casa-mãe. Outros que vieram indagar, vendendo-me naquela posição, foram comunicar à aldeia que eu já não estava doente. Eis de como são as dores de cabeça e de dentes na Casa do Gaiato.

Estas levantam outras dores morais; o carinho que o Fernando acabava de revelar, é penhor do que ele não teria para dar em sua casa, aos do seu sangue, se vivesse no seio de uma família cristãmente constituída. O que não teria ele para dar à sua mãe?! O que não teria ele para dar ao seu pai?! Um e outro vivem, sim, mas a miséria separou-os! Isto doi.

Dito deste rapaz, dito de todo o mundo. Todo o mortal guarda no peito grandes possibilidades e grande capacidade de dar, mas para isso tem primeiramente de receber. Este pequenino que veio espontaneamente ao meu leito trazer os precisos, fê-lo por ter sido tratado na mesma; e sabe, quando disso precisar, por experiência; que de novo o será. Por isso deu. Por isso deu-me tanto. Dá na medida em que recebe. Cada um colhe do que semeia. Quem semeia bombas, colhe bombas. Isto é doutrina. O nosso jornal é púlpito. De tudo nos servimos para dar ao mundo o verdadeiro testemunho de Cristo; até das dores de dentes!

Rodrigo fez um jardim perto da casa um, onde é chefe; e no meio fez um repuxo. Os doentes do hospital também fizeram um repuxo no largo fronteiriço, mas este mais mal feito. Esteve cá um jardineiro profissional, por vontade e favor do Sr. Moreira da Silva, a riscar um jardim. Esteve uma semana. Antes de se ir embora, declarou-me que o sítio mais lindo para fazer o jardim, teria sido não aonde ele o fez, mas sim ao pé do lago e repuxo da enfermaria; mas que não podia ser por causa da grande porcaria que tinha ficado aquela obra. Compreendi perfeitamente o jardineiro. Ele tem razão. Mas eu gosto assim. Lá está o lago. Lá está o repuxo. A água sobe e faz barulho ao cair no espelho. As pombas acodem e debruçam-se. Bebem. Lavam-se. Falam. Eu sou testemunha de vista; vejo tudo da varanda da casa-mãe.

Quanto não trabalharam os rapazes durante todo o mês de Agosto para levar a cabo aquela porcaria! Esteve aqui naquele tempo um visitante. Calhou andar com o Avelino. Era Professor de uma Universidade. Viu os rapazes a trabalhar. Perguntou ao Avelino o que era aquilo; e quem é que dava os tubos e quem é que dava o cimento e mais. O Avelino responde com simplicidade a todas as mais perguntas e termina por afirmar: *é fulano que nos dá tudo*. O que ele quer é ver-nos contentes. Não é fácil a um Sr. Doutor tomar lições seja de quem for; eles estão precisamente no mundo para dar lições. Não é nada fácil. Não creio que este a tivesse tomado. Mas ouviu.

BARREDO

→ CONCLUSÃO DA 1.ª PAG.

Padre; venha ver os meus vizinhos. Assim me dizia uma mulher de má notoriedade! E eu fui atrás dela. Era um casebre de muitos andares com muitos cubículos e todos eles cheios. Estes aonde estávamos é ocupado por duas mulheres cheias de anos e de simpatia. Estas são de Rezende. As outras de Anadia. A primeira é de Ovar. Raras vezes encontro alguém do Porto nestas condições.

São duas irmãs. A primeira é entretida. Não se pode mexer. Serviu muitos anos uma família aonde esteve até há poucos meses, mas a senhora dela morreu e os seus descendentes não a quiseram por herança. Que pena eu tive desta velhinha que perdeu tudo, quando de tudo precisa; que estava afeita às suas coisas e agora não tem nada. Nem o sol entra naquele quarto. Que pena eu tenho dela. Trago-a e tenho-a no coração. A irmã que a zela é uma heroína. Ela é cancerosa. Tenta descobrir-se para me mostrar e eu disse-lhe que não. Quando lhe perguntei se tinha muitas dores, ela responde com simplicidade que agora tem de cuidar da irmã! Isto é o Barredo. Esta é a palavra mais funda que hoje existe em Portugal. Aqui é terra de Herois, de Mártires e de Santos. Nós somos a vulgaridade.

Era noite escura. Tínhamos dado a missão por terminada e agora, ambos muito contentes, iam a caminho de casa. Ao passar pela doçaria Palace, perguntei ao Licínio se queria tomar alguma coisa. Que sim, se eu quisesse tam-

bém queria. Entramos. Tomamos lugar. Ele foi café com leite e bolos e eu foi chá e duas bolachas. Logo atrás de mim, na montra, estavam morcelas de Arouca. Eu sempre morri e ainda hoje morro por aquela guloseima, mas que fazer? Além de constar cada peça 3\$50, eu não via grande título para comprar delas. Mas a carne é fraca. Elas estavam mesmo ali. Comprei três. Quando vou para pagar, disseram-me que estava tudo feito. Chá, bolachas, bolos, café, leite e morcelas. Foi aquele senhor que é um Engenheiro Suíço. Olhei. Lá estava ao fundo um cavaleiro. Meti o dinheirinho à algibeira e fora da porta, Santo António acima, contei ao Licínio. Ai que pena!

E o rapaz disse-me da sua enorme mágua. Tinha comido só um bolo, para poupar, e se soubesse, teria comido muitos mais. Ora acontece que eu tive precisamente a mesma ideia quanto às morcelas, mas por vergonha calei-me. Nós afinal somos sempre e em toda a parte os mesmos. Não sendo iguais, os homens encontram-se em toda a parte e são os mesmos. Aqui temos um exemplo; um rapaz por causa de bolos e um velho por causa de morcelas de Arouca, ambos tiveram o mesmo pensamento; ai que pena. Que o senhor Engenheiro nos perdoe e não conte isto na Suíça.

EU NO GEREZ

→ CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA

sas; os geólogos não sabem. Foi Deus, disse ele. Eu tentei pôr as minhas reservas, mas o homem vai às do cabo: acredito como se visse. A fé exclui sombras e dúvidas. E' um acto simples da inteligencia, por obra da graça.

Outros vezes era nos campos; campos fundos, do sopé da serra. Também ali havia horas de meditação. Topei uma ponte de pedra a dizer nihil sibi, de onde jorrava uma telha de água. Tinha a era de 1638. Quatro seculos de vida a dar tudo aos outros, nihil sibi, e tão feroz agora como no princípio! Matar a sede, lavar a cara, fazer o caldo, curar as feridas, barrelas a cheirar bem; tudo para os outros! Bebi. Refresquei as mãos. Quis receber o testemunho da doutrina nihil sibi. E os campos daquela ribeira extensa, ferteis, humildes e contentes, para generosidade secular dum fio de água que não quer nada para si—nihil sibi, para que os mais tenham tudo; beleza! Que felicidade não foi a do artista desconhecido que colocou em uma fonte a fórmula social que dá a paz aos homens; nihil sibi!

Ele há outra fórmula, cansada do tempo e polida do uso, por isso não rende nada: omnia sibi. — Tudo para si. Não rende.

BREVEMENTE

« ISTO É A CASA DO GAIATO,
Pedidos à Editora — Tipografia da
Casa do Gaiato — Paço de Sousa